



SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

01/07/2022



Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

Taxa de desemprego fica abaixo de 10% no Brasil, menor nível desde 2015

A taxa de desemprego voltou a ficar abaixo de 10% no Brasil, indicou nesta quinta-feira (30) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No trimestre até maio, o indicador recuou para 9,8%. É o menor nível para o intervalo desde 2015. À época, a economia nacional amargava recessão, e a taxa estava em 8,3%.

Na série comparável do IBGE, o indicador não ficava abaixo de 10% desde o fim de 2015. A taxa estava em 9,1% no trimestre até novembro daquele ano.

O novo resultado veio abaixo das estimativas do mercado financeiro. Analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam 10,2% na mediana. O indicador estava em 11,2% nos três meses anteriores (dezembro a fevereiro).

O número de desempregados, por sua vez, recuou para 10,6 milhões até maio. O contingente estava em cerca de 12 milhões nos três meses anteriores. Ou seja, 1,4 milhão de pessoas saíram do grupo.

Conforme o IBGE, o número de desocupados chegou a bater em 15,2 milhões no trimestre até maio de 2021, sob efeito da crise gerada pela pandemia.

Pelas estatísticas oficiais, a população desempregada reúne quem está sem trabalho e segue à procura de novas vagas. Quem não tem emprego e não está buscando oportunidades não entra nesse cálculo.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 01 de julho.

População desempregada soma 10,631 milhões no trimestre até maio, diz IBGE

O País registrou uma abertura de 2,282 milhões de vagas no mercado de trabalho em apenas um trimestre, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados nesta quinta-feira, 30, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A população ocupada alcançou um recorde de 97,516 milhões de pessoas no trimestre encerrado em maio de 2022. Em um ano, mais 9,365 milhões de pessoas encontraram uma ocupação.

Já a população desocupada diminuiu em 1,385 milhão de pessoas em um trimestre, totalizando 10,631 milhões de desempregados no trimestre até maio. Em um ano, 4,594 milhões deixaram o desemprego.

A população inativa somou 64,791 milhões de pessoas no trimestre encerrado em maio, 506 mil a menos que no trimestre anterior. Em um ano, esse contingente encolheu em 3,184 milhões de pessoas.

O nível da ocupação - percentual de pessoas ocupadas na população em idade de trabalhar - passou de 55,2% no trimestre encerrado em fevereiro para 56,4% no trimestre até maio. No trimestre terminado em maio de 2021, o nível da ocupação era de 51,4%.

Em todo o Brasil, há 6,622 milhões de trabalhadores subocupados por insuficiência de horas trabalhadas.

O indicador inclui as pessoas ocupadas com uma jornada inferior a 40 horas semanais que gostariam de trabalhar por um período maior.

Na passagem do trimestre até fevereiro para o trimestre até maio, houve um recuo de 12 mil pessoas na população nessa condição.

O País tem 827 mil pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas a menos em um ano.

Saiba mais em: A Tribuna, sexta-feira 01 de julho.

Risco de inflação estourar limite da meta é próximo de 100% pelo 2º ano consecutivo, diz BC

O Banco Central admitiu que a probabilidade de a inflação ficar acima do teto da meta neste ano está próxima de 100%, de acordo com o relatório trimestral divulgado nesta quinta-feira (30).

No documento anterior, em março, o risco era de 88% no cenário tido como mais provável pela autoridade monetária, com base na trajetória descendente para o preço do barril de petróleo. No segundo cenário considerado, por sua vez, a chance era de 97%.

Segundo informou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 9 de junho, o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) atingiu 11,73% no acumulado de 12 meses até maio.

Com a entrada dos dados de junho, o IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15) passou a acumular alta de 12,04% em 12 meses ao subir 0,69%.

Conforme divulgado na apresentação preliminar do relatório, na última quinta (23), nas projeções de curto prazo, o BC considera altas de 0,81% em junho, de 0,84% em julho e de 0,33% em agosto.

"Caso se concretize, a inflação de 1,99% no trimestre implicará leve recuo da inflação acumulada em doze meses (11,73% em maio e 11,31% em agosto)", disse a autoridade monetária no relatório.

O BC projeta ainda o pico de inflação de 12% no segundo trimestre e queda para 8,8% no fim deste ano. Para o cálculo, foi usado o conjunto de informações disponíveis até a última reunião Copom (Comitê de Política Monetária), em 14 e 15 de junho.

Entre os principais fatores de revisão dos números de 2022 para cima, a autoridade monetária lista surpresas inflacionárias, revisão das projeções de curto prazo, elevação do preço do petróleo, propagação via inércia inflacionária das pressões correntes, crescimento das expectativas de inflação da pesquisa Focus, indicadores de atividade econômica mais fortes do que o esperado e utilização de taxa de juros real neutra maior do que a no relatório anterior.

No sentido contrário, segundo o BC, atua "energia elétrica em função do comportamento das bandeiras tarifárias e da incorporação de estimativa dos efeitos do Projeto de Lei nº 1.280/2022", que disciplina a devolução acelerada do PIS/Cofins pago a mais pelos consumidores. Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 01 de julho.

Com Bolsonaro, pobreza cresce e atinge 63 milhões de brasileiros

A pobreza cresceu no País sob a gestão Jair Bolsonaro e já atinge quase 63 milhões de brasileiros. Das 27 unidades da federação, nada menos que em 25 houve avanço na pobreza.

É o que aponta um estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social) divulgado nesta quarta-feira (29). A pesquisa, coordenada pelo economista Marcelo Neri, baseou-se em microdados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Segundo o levantamento, nos primeiros três anos de governo bolsonarista (2019, 2021 e 2021), 9,6 milhões de pessoas passaram a viver na pobreza, totalizando 62,9 milhões de brasileiros nessas condições. O número corresponde a 29,62% da população.

De acordo com critérios internacionais, era considerada pobre toda e qualquer pessoa que, no quarto trimestre de 2021, vivia com menos de R\$ 497 per capita por mês. O valor leva em conta os preços praticados no Brasil no período.

Em 14 estados, o percentual de pobreza supera o patamar de 40% da população: Maranhão (57,90%), Amazonas (51,42%), Alagoas (50,36%), Pernambuco (50,32%), Sergipe (48,17%), Bahia (47,33%), Paraíba (47,18%), Pará (46,85%), Amapá (46,80%), Roraima (46,16%), Ceará (45,89%), Piauí (45,81%), Acre (45,53%) e Rio Grande do Norte (42,86%).

Mesmo estados com taxas menores, o crescimento do número de moradores pobres foi expressivo. Em Rondônia, por exemplo, a pobreza disparou de 25,19% da população em 2019 para 31,65% em 2021. Em Minas Gerais, o índice, em dois anos, saltou de 20,94% para 25,25%. Saiba mais em: CNTI, sexta-feira 01 de julho.